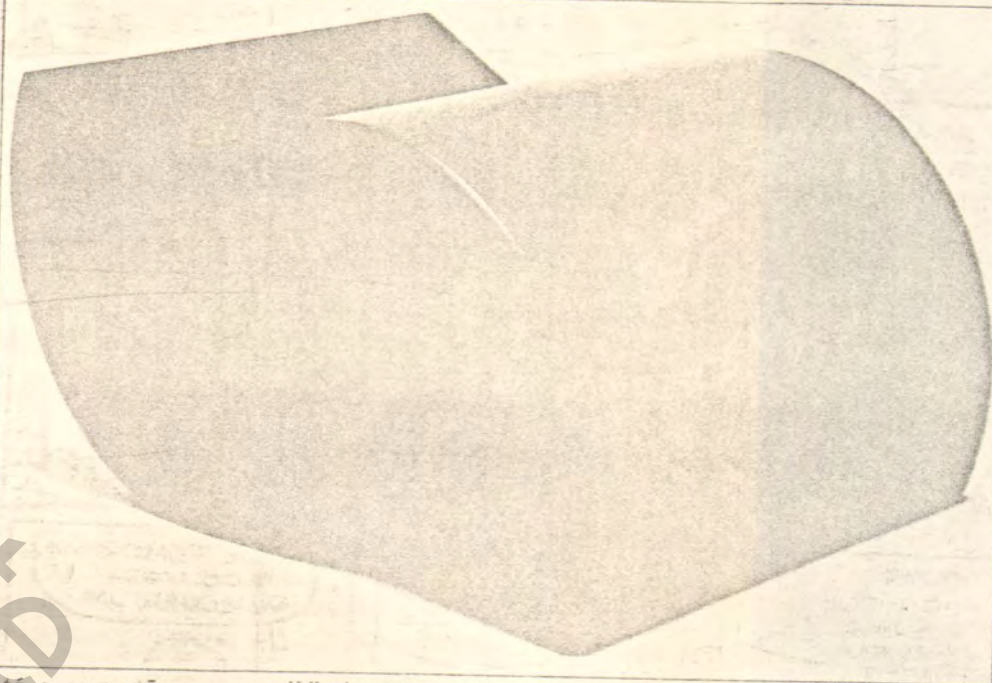


## VISUAIS/CRÍTICA

## A escultura de Sérgio de Camargo, tão pura que se tornou pedra.

*Na sua série negra, a escultura de Sérgio de Camargo recupera a sua idéia de pedra, na representação mítica da perfeição.*



É possível o olhar se perder. A forma é negra e se oferece à contemplação. É necessário contorná-la, observar os seus ângulos e sugestões espaciais. Mas a concentração cede em favor de um novo e ambíguo relacionamento. O diálogo já não é o mesmo de há um instante. Estamos em contato com a forma e, simultaneamente, introspectivos. Somos levados à percepção de nós mesmos e o olhar que se pretendia frio e objetivo perde-se de sua intenção, vagueia e escorre sobre a forma. E isto nos cria uma realidade inesperada. Aparentemente o discurso escultórico de Sérgio de Camargo (galeria Raquel Arnaud Babenco, av. 9 de Julho, nº 5719) é muito conhecido. Dezenas de vezes, o escultor Sérgio de Camargo nos revelou o seu pensamento. Cada uma de suas esculturas demonstrou à exaustão este pensamento. Onde ocorre, portanto, este desvio do olhar e esta imprecisão no encontro do que é, aparentemente, conhecido?

Sérgio de Camargo tem trabalhado com o processo aleatório. Ele seleciona algumas formas, corta-as em seções e as combina infinitamente. Até o momento em que parece justo, as relações ideais. Aí prepara a maquete e envia para a Itália, onde especialistas prepararam a peça final. A linguagem se constrói a partir de módulos combinados

até a sugestão e o equilíbrio. Nestas peças de mármore branco, polimento fosco, a luz cria curiosos reflexos. Em certa época, com a modificação da percepção da forma conforme o movimento do contemplador, o trabalho de Sérgio de Camargo foi considerado cinético. Mas o seu trabalho, de formas tão severas, pode ser qualificado de várias maneiras. Melhor do que estes rótulos todos que procuram encaixar a criação em espaços determinados, mesmo à custa da veracidade, é considerar o trabalho em si mesmo, nos seus relacionamentos internos, no seu processo de criação e na sua aproximação com certo espírito de época. Nesta perspectiva, neste trabalho tão determinado, as modificações da série atual para a anterior, são marcantes.

Primeiro, a cor. O material é o mesmo, o mármore. Mas este é inteiramente negro. O que elimina os reflexos da luz, o acaso da iluminação. Depois, os ângulos de junção, a torção da escultura. Há torções que parecem quase impossíveis, no limite de resistência do mármore. Há uma diagonalidade na concepção destas esculturas, como um eixo que as atravessasse determinando o seu ritmo. A terceira mudança desta série negra em relação às suas irmãs brancas anteriores, não está na própria escultura, mas no artista, no pro-

cesso criativo. Como, desta vez, a intenção do escultor é a torção, a condução do olhar para certas posições, o seu processo criativo não se dá pela combinação aleatória, mas tem um caráter dedutivo. Cada escultura traz a próxima. A forma concebida e executada, desafia o artista a tentar mais um pouco. As esculturas nascem uma das outras através de uma lógica inexorável. É, finalmente, esta lógica inexorável e os seus angulamentos e torções que parecem impossíveis, o que cria a estranheza do olhar e a inabitualidade e o deslocamento da sintaxe do artista.

A verdade deste confronto inesperado é que a escultura recupera a sua idéia de pedra. E aí nos encontramos com o mítico. Na história dos povos a pedra é o elemento perfeito. Ela representa o espiritual porque terá caído do céu. E representa a terra e o homem, pois está depositada no planeta. A pedra é o perfeito. Das tantas referências à pedra como meta a ser atingida, a pedra filosófica dos alquimistas, os monumentos megalíticos, os marcos divi-sórios da propriedade. Acredito que a sensação de coisa arcaica que a extrema modernidade da escultura de Sérgio de Camargo suscitou deve-se exatamente à sua pureza de objeto. A escultura tornou-se pedra.

Jacob Klintonitz